

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

DEZ

**“A CONCEPÇÃO DOS EDUCADORES SOBRE O PROCESSO DE
AVALIAÇÃO DO ENSINO APRENDIZAGEM”**

Rosangela Maria Viganó Brambilla

Orientador: Prof. MS. Luiz Renato de Souza Pinto

COTRIGUAÇU-MT

2007

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

**“A CONCEPÇÃO DOS EDUCADORES SOBRE O PROCESSO DE
AAVALIAÇÃO DO ENSINO APRENDIZAGEM”**

Rosangela Maria Viganó Brambilla

Orientador: Prof. MS. Luiz Renato de Souza Pinto

Trabalho apresentado ao curso de pós-graduação da ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA – AJES, como exigência parcial para a obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia.

COTRIGUAÇU-MT

2007

ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

TERMO DE APROVAÇÃO

Rosangela Maria Viganó Brambilla

Prof. MS. Luiz Renato de Souza Pinto
Orientador

Dez

NOTA/CONCEITO

MENSAGEM

“O importante não ‘é fazer como se’ cada um houvesse aprendido, mas permitir a cada um aprender”.

(Perrenoud, p. 165, 1999)

\

AGRADECIMENTOS

Ao Gilcemar meu amor, meu amante, meu companheiro Meu cúmplice, meu parceiro de todas as horas. Às vezes, um filho; outras, um pai. Em alguns momentos irritante, em muitos outros, meu único aliado. O homem da minha vida.

Aos meus pais, raízes profundas da maravilhosa família que me deram e por me ensinarem a valorizar cada momento da vida.

A *meus irmãos*, em especial *Rosimeri e Roseli*, por serem minhas companheiras na caminhada da vida e morarem no meu coração.

Aos colegas e a toda a turma de Pós Graduando de Psicopedagogia, pelo carinho e pela parceria eficiente.

E a DEUS por ser tão generoso comigo, me brindando com essas pessoas, com seu amor e dedicação, sempre iluminando meu caminho.

DEDICATÓRIA

Dedico para todos que acreditam que somos o que sabemos em múltiplas dimensões; que não há como separar o que sentimos das teorias defendidas e das ações que empreendemos; que o essencial, em avaliação, é resgatar os valores que nos tornam humanos...

Este trabalho é dedicado especialmente, aos guias do meu caminho: ao Gilcemar, meu companheiro que com sua alegria e espontaneidade me incentiva sempre a continuar. Por seu amor, paciência, compreensão e incrível tolerância; á minha grande família, meus pais: Ziza e Domingos, meus irmãos: Ivam Sergio, Ilson, Pedro, Roseli e Rosimeri, parceiros de todas as horas que tem sido à base de minha realização profissional, obrigada por estarem ao meu lado dando forças e me encorajando a lutar pela educação, e por terem contribuído incansavelmente na minha formação.

A todas as educadoras e educadores em especial as minhas irmãs Rosimeri e Roseli, que batalham incansavelmente na rede pública municipal ou estadual, mantendo viva, apesar das adversidades, a esperança de que a educação neste país um dia será levada a sério.

RESUMO

O processo avaliativo tem sido mais um dos desafios enfrentados pelo professor no seu cotidiano escolar. O saber avaliar, como avaliar, para quê avaliar e quais as contribuições que esses instrumentos avaliativos vão favorecer a qualidade de educação que pretendemos averiguar no decorrer de nosso trabalho. O professor precisa conhecer o processo avaliativo de forma que saiba identificar as diversidades culturais dos alunos. Entender que estamos buscando uma avaliação qualitativa, visando à formação integral do aluno cidadão, para que ele saiba atuar na sociedade de forma digna, solidária e competente. Mas, para que isso ocorra é importante que o professor se conscientize de que avaliar é mais um desafio que pretendemos vencer de forma processual e dinâmica, tendo a capacidade de mudar nossos instrumentos avaliativos, proporcionando aos alunos prazer em aprender e a construir novos conhecimentos. A arte de ensinar e de aprender está nas mãos do educador que busca inovar e acredita que o conhecimento universal possa ser compartilhado, incluindo os cidadãos na sociedade. No entanto, as mudanças somente ocorrerão quando nós professores buscarmos, por meio da pesquisa, investigar novas formas de viabilizar o processo avaliativo, visando à formação do aluno cidadão e trazendo para a sala de aula prazer em ser avaliado com qualidade e profissionalismo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO ENSINO APRENDIZAGEM	10
2.1 Para que Avaliar	12
2.2. O que se Avalia e quem Avalia no Sistema Escolar	14
2.3. Como se Avalia	16
2.4. Construindo o conhecimento, Avaliar para aprender	17
2.5. O Sentido, a Finalidade e as características da Avaliação	21
3. AVALIAÇÃO COMO CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	22
3.1. Melhora do Processo Ensino-Aprendizagem	24
3.2. Perspectiva Filosófico-Política da Avaliação da Aprendizagem	25
3.3. Planejamento do Ensino e Avaliação do Ensino da Aprendizagem	28
3.4. O Desafio da Avaliação no Cotidiano do Educador	28
3.5. Instrumentos de Avaliação	30
4. A AVALIAÇÃO COMO PROCESSO A CONCEPÇÃO DOS EDUCADORES	33
4.1. Metodologia	33
5. ANÁLISE SOBRE O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO ENSINO APRENDIZAGEM	38
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

1. INTRODUÇÃO

Reconhecendo a escola como o local onde se busca assegurar, de forma sistemática e organizada, o domínio sólido de conhecimentos científicos e culturais, é preciso refletir em que medida as atividades que se estabelecem no seu interior têm o propósito de buscar, racionalmente, o objetivo pedagógico e, assim, concorrer para os fins da educação escolar.

Nessa perspectiva, todos nós refletimos nas práticas de ensino-aprendizagem, no que se refere às condições de trabalho e desenvolvimento das atividades de um modo geral. Portanto, desejamos mudanças profundas nos rumos da educação. Uma dessas mudanças está relacionada à avaliação escolar, tendo em vista as dificuldades que sentimos ao avaliarmos nossos alunos, por não estarmos suficientemente preparados para esse desafio, como também por sentirmos medo de prejudicá-los. A avaliação com base bimestre não deve ser a única maneira de verificar o aprendizado, ela têm um grande significado para a vida escolar do educando.

Dessa forma, a avaliação deverá ser entendida como uma ação diagnóstica e contínua dos avanços e dificuldades do educando no processo de apropriação do conhecimento. Deve ser um trabalho vivenciado por todos os segmentos que compõem a escola, possibilitando delinear o quadro das dificuldades e dos problemas encontrados e definir rumos para a continuidade do processo.

Assim, precisamos avaliar com eficiência e segurança o assunto, considerando o desenvolvimento do aluno não só na aquisição de conceitos, mas também nos procedimentos e atitudes, contribuindo para que eles se tornem cidadãos ativos e críticos.

O trabalho científico consta de três partes, onde irá mostrar a importância da avaliação na prática educativa, como uma ação diagnóstica e contínua no processo de apropriação do conhecimento.

Primeiramente abordarei a avaliação como processo do ensino aprendizagem, onde observamos que a complexidade do processo educativo envolve instituições, pessoas, organizações administrativas, condições físicas da escola, a natureza e as diretrizes teórico-metodológicas do processo de ensino.

Em seguida relatarei sobre Avaliação como construção do conhecimento, mostrando os dilemas e conflitos enfrentados na persecução do ensino e idealizando uma prática “construtivista”, onde possamos compreender a importância da avaliação numa perspectiva futura e os instrumentos de avaliação, com novas expectativas de mudanças, buscando novos conhecimentos e formas para resgatar o papel e as contribuições do processo avaliativo no ensino-aprendizagem.

No terceiro momento será enfocada a concepção dos educadores sobre o processo de avaliação do ensino aprendizagem, e contará também com depoimentos dos educadores da rede municipal de Cotriguaçu-MT.

Por fim, no quarto capítulo trata-se também da análise e discussões dos dados coletados e as considerações finais, onde serão julgados os aspectos considerados importantes no decorrer do trabalho.

2. O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO ENSINO APRENDIZAGEM

A avaliação é um instrumento que utilizamos para verificar se nossos alunos adquiriram os conhecimentos básicos de cada série, e se eles se tornaram capazes de utilizar estes conhecimentos em situações do seu cotidiano.

Ela deve ser parte integrante do processo ensino-aprendizagem e deverá ter função diagnóstica, entendida como um processo contínuo de informações, análise, reflexão e tomada de decisão sobre o desenvolvimento e desempenho dos nossos alunos na apropriação do conhecimento.

Nesse processo, o aluno não é o único a ser avaliado. Também serão o professor, o conteúdo desenvolvido e a metodologia. Com isto, além de detectar as dificuldades e avanços dos alunos, a avaliação assume o caráter de redimensionamento da prática pedagógica.

Os resultados alcançados em provas e testes não se constituem nos únicos elementos contemplados na avaliação. Antes, tais elementos devem fazer parte do processo de ensino-aprendizagem. Neste processo, devemos levar em conta nossa prática diária, a metodologia empregada, os recursos humanos e materiais utilizados, os conteúdos e sua adequação aos alunos.

Os “erros” constatados no trabalho de nossos alunos devem ser interpretados e os conteúdos retomados, muitas vezes, de outra forma. É preciso verificar a natureza desses erros: conceitual, de atenção, de raciocínio, de linguagem e etc. Devemos, sobretudo, trabalhar os caminhos trilhados pelos alunos e explorar os raciocínios envolvidos, levando-os a escolher procedimentos mais adequados que

diminuam os erros. Os erros podem ser resultado de uma visão parcial dos conteúdos.

A avaliação deve ocorrer ao longo do processo de ensino-aprendizagem, proporcionando aos alunos múltiplas possibilidades de se expressar, rever e aprofundar a sua visão dos conteúdos trabalhados.

O critério básico para avaliação é o conhecimento que o aluno deve adquirir. Este conhecimento está sistematizado na forma de conteúdos básicos para cada série. Portanto é fundamental que o professor os conheça e estabeleça quais são os critérios de avaliação que irá adotar.

O conhecimento adquirido em situações informais se diferencia basicamente daquele ministrado na escola, uma vez que, nesta, conteúdos e estratégias de ensino são planejadas, tendo por objetivo uma maior produtividade nas aquisições.

Segundo alguns estudiosos no assunto:

“No ambiente escolar a criança sofre uma transformação radical na sua forma de pensar. Antes de se entrar nela, os conhecimentos são assimilados de modo espontâneo, a partir da experiência direta da criança. Em sala de aula, ao contrário, existe uma intenção prévia de organizar situações que propiciam o aprimoramento dos processos de pensamentos e da própria capacidade de aprender” (DAVIS; OLIVEIRA, 1990 P.23)

Logo as atividades de ensino envolvem diferentes momentos, constituindo a avaliação uma das partes indissociáveis do processo ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva, a avaliação deve ser compatível com a metodologia de ensino adotado, como também deve ser coerente com a dimensão conceitual dos conteúdos que estão sendo discutidos em determinados momentos da dinâmica escolar.

Entendemos a avaliação como a apreciação sistemática da eficácia e dos efeitos reais do processo ensino-aprendizagem, previstas ou não, por ocasião da

construção do conhecimento. Nesse sentido, a ação do professor está direcionada para o processo e não apenas para o produto.

A análise contínua da performance da criança possibilita ao professor a escolha de estratégias adequadas, condutoras e orientadoras do processo.

O momento da avaliação é oportuno tanto para o professor quanto para os alunos refletirem sobre os seus papeis e retomarem aspectos que precisam ser revistos e/ou ajustados, como também substituir os que precisam ser abandonados.

É importante que a criança tenha conhecimento dos critérios em que será avaliada e dos resultados obtidos, para assim saber organizar seus investimentos na busca da construção do seu conhecimento.

Este tipo de avaliação propicia o desenvolvimento da auto-confiança dos pares envolvidos no processo: aluno e professor.

O professor que faz uso da avaliação sistemática está na vanguarda da educação, isto porque para garantir um produto de alto nível, é necessário orientar eficazmente o processo.

2.1. Para que avaliar

O papel da avaliação decorre das próprias metas educacionais estabelecidas para a proposta. Assim a avaliação se destina a obter informações e subsídios capazes de favorecer o desenvolvimento das crianças e a ampliação de seus conhecimentos. Dispondo dos principais elementos relativos a eles podemos planejar e direcionar ou redirecionar nosso trabalho cotidiano.

Nesse sentido, avaliar não é apenas medir, comparar ou julgar. Muito mais do que isso, a avaliação tem uma importância social e política crucial no fazer educativo. E essa importância está presente em todas as atitudes e estratégias avaliativas que adotamos.

A avaliação é, então, um aspecto fundamental de qualquer proposta curricular e, na verdade, parte integrante dessa proposta.

Concebe-se a avaliação como parte de um amplo processo referente à aquisição e a apropriação do conhecimento sistemático, intencionalmente planejado, ocorrendo no ambiente escolar.

A avaliação deve vincular-se ao acompanhamento das ocorrências decorrentes tanto do processo de aprendizagem dos alunos, quanto ao papel que o professor ocupa na realização das contingências programadas para o ensino.

A avaliação é aqui concebida numa dimensão diagnóstica e dinâmica, onde o repensar sobre as realizações leve à adoção de novas atitudes e possibilite um clima amistoso e democrático entre professores e alunos.

Nesse sentido, Santiago afirma:

“Na perspectiva em que o ensino tem por base a construção do saber, a avaliação informa sobre os avanços e recursos que as crianças apresentam na aquisição dos conteúdos, esclarecendo sobre a compreensão que tem tanto em relação às concepções teóricas que estão assimilando, com também oferecendo subsídios sobre a organização das relações lógicas, através dos quais estão sendo constituídos os conceitos” Santiago (1993, p. 33).

Avaliar exige, antes que se defina aonde se quer chegar, que se estabeleçam os critérios, para, em seguida, escolherem-se os procedimentos, inclusive aqueles referentes à coleta de dados, comparados e postos em cheque com o contexto e a forma em que foram produzidos.

A função nuclear da avaliação é ajudar o aluno a aprender e ao professor, ensinar. (Perrenoud, 1999), determinando também quanto e em que nível os objetivos estão sendo atingidos. Para isso é necessário o uso de instrumentos e procedimentos de avaliação adequada.

No entender de Luckesi:

“O valor da avaliação encontra-se no fato do aluno poder tomar conhecimento de seus avanços e dificuldades. Cabe ao professor desafiá-lo a superar as dificuldades e continuar progredindo na construção dos conhecimentos...” “para não ser autoritária e conservadora, a avaliação tem a tarefa de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser o instrumento dialético do avanço, terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos...”. “A avaliação deverá verificar a

aprendizagem não só a partir dos mínimos possíveis, mas a partir dos mínimos necessários” (Luckesi 1999, p.43 e 44).

Enfatiza também a importância dos critérios, pois a avaliação não poderá ser praticada sob dados inventados pelo professor, apesar da definição desses critérios não serem fixos e imutáveis, modificando-se de acordo com a necessidade de alunos e professores. Modificar a forma de avaliar implica na reformulação do processo didático-pedagógico, deslocando também a idéia da avaliação do ensino para a avaliação da aprendizagem.

Saviani, (2000, p.41), afirma que o caminho do conhecimento é perguntar dentro da cotidianidade do aluno e na sua cultura; mais que ensinar e aprender um conhecimento é preciso concretizá-lo no cotidiano, questionando, respondendo, avaliando, num trabalho desenvolvido por grupos e indivíduos que constroem o seu mundo e o fazem por si mesmos. “O importante não ‘é fazer como se’ cada um houvesse aprendido, mas permitir a cada um aprender. Avaliar deve servir para cada vez mais permitir a cada um aprender (Perrenoud, p. 165, 1999)”.

2.2. O que se Avalia e quem Avalia no Sistema Escolar

Em quase todos os graus do sistema escolar os avaliados são só os alunos. É preciso analisar criticamente essa prática, pois o fato de os alunos serem o único “objeto” da avaliação revela a estrutura de poder e autoridade da grande maioria das instituições escolares.

Porém, o que essa prática esconde é um ponto talvez ainda mais nevrágico: o desempenho e as atitudes das crianças na escola são extremamente influenciados pelas atitudes dos professores e pelo próprio contexto escolar, que é determinado pelos objetivos, normas e práticas da equipe técnico-pedagógica (direção, supervisão, pessoal de serviços gerais).

Isto quer dizer que o projeto pedagógico da escola e, mais diretamente, da professora ou professor interfere no desempenho do aluno. É necessário que a forma de avaliar, buscando os “erros” e os “culpados”, seja substituído por uma dinâmica de avaliação capaz de trazer elementos de crítica e transformação ativa para o nosso trabalho. Nesse sentido, todos são objetos e sujeitos da avaliação: professores, equipe de orientação, coordenação e direção, funcionários da secretaria, merendeiras e serventes, crianças e pais.

É claro que cada área tem aspectos bastante específicos. No entanto, em todas é absolutamente imprescindível perceber que não se trata de buscar falhas ou culpas, mas, ao contrário, o espaço escolar é identificado como lugar de agentes sociais que interagem, com interesses e objetivos muitas vezes conflitantes, ou seja, como prática social coletivamente construída. Dessa forma, é fundamental que estejam claros o papel da escola e o papel de cada um.

Não são apenas os alunos que aprendem. Todos constroem conhecimentos, e nesse processo têm dúvidas e dificuldades, fazem progressos e reestruturam suas formas de ação buscando alcançar os objetivos traçados.

Assim avaliarmos o desenvolvimento e os conhecimentos da criança, as dificuldades do professor, os progressos e as dúvidas da equipe pedagógica e a estrutura e o funcionamento da escola.

Mas tal sistemática de tomar todos os elementos do trabalho coletivo como sujeito e objeto da avaliação é organizada e orientada por critérios capazes de delinear para cada um o que se espera da sua atuação, em que consiste seu apropriado papel e o do outro. Além disso, a fim de que essa sistemática de avaliação participativa funcione e traga contribuições efetivas para todos os envolvidos, ela é introduzida passo a passo, com organização, planejamento e reflexão crítica.

Os critérios básicos que orientam esse processo dinâmico de avaliação, e em função dos quais ele se desenvolve, são fornecidos exatamente pelas metas educacionais traçadas. As crianças são sempre o centro primordial da avaliação que é feita para aprimorar o trabalho realizado com elas.

Transformar a prática avaliativa significa questionar a educação desde as suas concepções, seus fundamentos, sua organização, suas normas

burocráticas. Significa mudanças conceituais, redefinição de conteúdos, das funções docentes, entre outras.

Neste momento, o que se propõe é uma reestruturação interna na escola quanto à sua forma de avaliação. Necessita-se, sobretudo, de uma avaliação contínua, na perspectiva do desenvolvimento integral do aluno. O importante é estabelecer um diagnóstico correto para cada aluno e identificar as possíveis causas de suas dificuldades visando uma maior qualificação e não somente uma quantificação da aprendizagem.

2.3. Como se avalia

Três tipos de estratégias que podem ser utilizadas para proceder à avaliação: a) análise e discussões periódicas sobre o trabalho pedagógico; b) observações e registros sistemáticos; c) arquivos contendo planos e materiais referentes aos temas, relatórios das crianças.

a) As análises e discussões críticas de professores e equipe de coordenação pedagógica são realizados nas reuniões periódicas, fornecendo elementos importantes para a elaboração do planejamento. Além disso, ao final de cada dia as crianças avaliam o trabalho realizado.

b) As observações e registro sistemáticos atendem a objetivos diversos e podem ser implementados com o apoio de alguns instrumentos específicos.

O professor deve observar a turma e registrar livremente os acontecimentos novos, as conquistas e/ou mudanças de determinadas crianças, além de anotar algumas interpretações sobre suas próprias atitudes e sentimentos (suscitados por certas situações de sala).

Na medida em que os alunos vão se organizando no espaço e no tempo, e várias atividades diversificadas ou oficinas vão sendo simultaneamente desenvolvidas, é importante introduzir os “calendários mensais”, um para cada tipo de atividade ou oficina.

Esses instrumentos que variam de acordo com o momento, as condições existentes e com os objetivos norteadores de sua elaboração, constituem-se em material bastante relevante para o desenvolvimento posterior do trabalho, apontando falhas e ultrapassar, lacunas a preencher, êxitos ou mudanças necessárias para a concretização da proposta.

Um relatório semestral feito pela equipe coordenadora apresenta o estágio do trabalho, avaliando a implementação global da proposta.

c) Os arquivos referentes a trabalhos, temas e relatórios ajudam a registrar a memória do trabalho da equipe e os avanços de cada criança, oferecendo um material de consulta essencial para a proposta.

Os demais trabalhos, além de maquetes e confecções, podem ser objeto de exposições periódicas (após cada tema, por exemplo), sendo levados para casa mensal ou bimestralmente. Registros de entrevistas individuais realizadas com os pais, bem como relatórios semestrais de avaliação, são arquivadas, construindo uma verdadeira história de cada criança na escola. Além de oferecerem subsídios valiosos para o planejamento posterior, esse tipo de registro possibilita uma avaliação concreta da maior ou menor amplitude dada a cada tema e da riqueza das explorações/atividades/descobertas realizadas.

Arquivos de relatórios, anualmente são organizadas uma pasta contendo atas de reuniões decisivas, fichas individuais de avaliação e relatórios periódicos feitos pela equipe. Sanados os demais arquivos, esse material configura a memória do trabalho, permitindo que novas integrantes conheçam processo vivido, as dificuldades superadas e as conquistas realizadas.

2.4. Construindo o conhecimento, Avaliar para aprender

Hoje, sentimos uma grande dificuldade com a criança, o jovem, o adolescente; estão automatizados, na linguagem do barulho, na loucura do movimento. Essa coisa de estarem pensando, planejando a sua vida, e sentindo

prazer me superar as pequenas dificuldades e estabelecer metas coletivamente, descobrir o sabor disso, isso nós precisamos retomar na escola.

É preciso modificar a avaliação na escola. A nota, somente, não expressa nada em relação ao aluno. Ela classifica, mas não tem significado. As provas devem ser um momento de aprendizagem. O aluno precisa ser o autor da sua própria aprendizagem, descobrir como é gostoso aprender, construir projetos etc. e a avaliação é um momento para ele pensar isto, como é que ele está vivendo, o que precisa modificar, o que não está achando legal na escola. É preciso construir na escola uma série de mecanismos para que a aprendizagem aconteça. Como o avanço é continuado, o aluno avança sempre, continua o seu processo de aprendizagem sempre.

A avaliação deve dar conta de todos os aspectos do desenvolvimento da criança, não só o cognitivo. É principalmente, uma avaliação a partir do aluno, tendo ele como referencia, como parâmetro de si mesmo. É também uma avaliação diagnóstica que nos diga o que precisamos modificar para que o aluno aprenda. Não uma avaliação para ser ponto final, uma classificação, para depois excluir o aluno. Infelizmente, em muitos locais de ensino, a avaliação ainda é usada para classificar, selecionar e como elemento disciplinador, de controle, ameaça e submissão.

A avaliação precisa acompanhar as discussões e transformações que vêm acontecendo com a educação como um todo. Se modificarmos a nossa maneira de entender como o aluno aprende, se acreditamos que essa aprendizagem, não acontece por sobreposição de informações descontextualizadas e sem significado, precisamos rever a prática avaliativa.

A verdade é que o ato avaliativo pouco se modificou. Continuamos a priorizar a memorização de elementos físicos e naturais, datas e fatos isolados.

Considerando a avaliação um espelho da concepção do trabalho do professor, faz-se necessário redirecionar sua prática, que deve estar vinculada com a postura progressista. Uma avaliação contínua, diagnóstica, transparente, formativa, processual e integral, para ser de aprendizagem e para ser de todos. Contínua porque é parte integrante do processo educativo, não porque ocorre somente no final do processo, como um ato isolado. Tem o objetivo de diagnosticar os avanços e

dificuldades encontradas e redirecionar a prática do professor, indica uma tomada de decisão e orienta o trabalho pedagógico.

Mudanças de comportamento requerem reconhecimento e, para isso, transparência. Queremos que o nosso aluno reflita e se conscientize sobre o seu desempenho, fazendo uma auto-avaliação. Nesse sentido a avaliação é formativa e integral. São avaliados não apenas os seus conhecimentos, mas também as atitudes e habilidades adquiridas.

Considerando que receber informações não basta para o desenvolvimento do educando, sendo mais importante a formação de suas habilidades de compreender, analisar, sintetizar e aplicar, cabe ao professor valorizar todo o trabalho criativo e de produção do aluno, seus avanços na aprendizagem, sua participação ativa.

Faz-se necessário repensar também a prática avaliativa que esteja vinculada à postura progressista. Cabe destacar o papel do professor perante a avaliação e os seus alunos. Segundo Caruso (1998, p. 51).

“...ensiná-los a pensar, mais do que somente a memorizar, ensiná-los a questionar o mundo, mais do que a aceitá-lo passivamente; ensiná-los a criticar a ciência, mais do que somente sabê-la de cor; ensiná-los a fazer ciência, mais do que recebê-la pronta” (Caruso 1998, p. 51).

Diante dessa realidade a avaliação deixa de ser descontínua, fragmentada e comparativa. Perde seu caráter classificatório e passa a ser atuante no processo, parte integrante da aprendizagem.

A avaliação deverá ser feita integrada ao processo de aprendizagem, por meio de atividades que envolvam: a pesquisa, valendo-se de recursos das imagens e de vários documentos que possam oferecer informação; a produção de textos; o posicionamento crítico durante a realização de debates; o questionamento, a reflexão e argumentação; dramatizações e exposições orais, trabalho em equipe, em um ambiente, cooperativo, priorizando os desempenhos coletivos e a co-avaliação.

Torna-se imprescindível interagir os alunos, compartilhando com eles a análise de suas produções, transformando eventuais erros em situações de aprendizagem, orientando-as para reconhecer seus avanços e dificuldades.

Essas atividades fazem parte da aprendizagem. É um excelente material de análise, pois expressam uma hipótese de construção do conhecimento e revelam-se como o aluno está pensando. E pela interação com o professor e com os demais colegas que o educando buscará meios de superar suas hipóteses, atingindo outros patamares do conhecimento.

Compreendendo que a diversidade é inerente ao ser humano, o professor deverá ter em mente que muitos deverão ser os recursos didáticos utilizados no processo da aprendizagem, bem como na avaliação, para contemplar essa diversidade que caracteriza o universo em sala de aula. É necessário que os professores tenham em mente alguns questionamentos ao formularem suas avaliações. Neste sentido é essencial definir critérios em que caberá ao professor listar os itens realmente importantes, informá-los aos alunos, sem uma necessidade, pois a avaliação só tem sentido quando é contínua, provocando o desenvolvimento do educando. É importante que o educador utilize o diálogo como fundamental eixo norteador e significativo papel da ação pedagógica.

Segundo o pedagogo Luckesi, para avaliarmos precisamos conhecer a realidade do aluno, a qualificação e tomar as decisões que possibilitem atingir os resultados esperados.

A avaliação qualitativa deve estar alicerçada na qualidade do ensino e pode ser feita para avaliar o aluno como um todo no decorrer do ano letivo, observando a capacidade e o ritmo individual de cada um.

Assim sendo, para haver uma avaliação qualitativa e não classificatória deve acontecer uma mudança nos paradigmas de ensino em relação a democratização da educação escolar.

A dinâmica da avaliação efetiva-se, justamente, a partir das respostas do educando frente às situações desafiadoras nas diferentes áreas de conhecimento. Suas perguntas e respostas, suas manifestações, representam tentativas de apropriar-se das múltiplas relações entre os fenômenos que vivencia.

2.5. O Sentido, a Finalidade e as características da Avaliação

A finalidade da avaliação do ensino-aprendizagem deverá ser no sentido de conhecer melhor o aluno: suas competências curriculares, seu estilo de aprendizagem, seus interesses, suas técnicas de trabalho. A isso poderíamos chamar de avaliação inicial; de constatar o que está sendo aprendido: o professor vai recolhendo informações, de forma contínua e com diversos procedimentos metodológicos e julgando o grau de aprendizagem, ora em relação a todo grupo-classe, ora em relação a um determinado aluno em particular; de adequar o processo de ensino aos alunos como grupo e àqueles que apresentam dificuldades, tendo em vista os objetivos propostos; e de julgar globalmente um processo de ensino-aprendizagem: ao término de uma determinada unidade, por exemplo, se faz uma análise e reflexão sobre o sucesso alcançado em função dos objetivos previstos e revê-los de acordo com os resultados apresentados.

A avaliação deve ser contínua e integrada ao fazer diário do professor, o que nos coloca que ela deve ser realizada sempre que possível em situações normais, evitando a exclusividade da rotina artificial das situações de provas, na qual o aluno é medido somente naquela situação específica, abandonando-se tudo aquilo que foi realizado em sala de aula antes da prova. A observação, registrada, é de grande ajuda para o professor na realização de um processo de avaliação contínua.

A avaliação será global quando se realiza tendo em vista as várias áreas de capacidades do aluno: cognitiva, motora, de relações interpessoais, de atuação etc.e, a situação do aluno nos variados componentes do currículo escolar e a avaliação será formativa se concebida como um meio pedagógico para ajudar o aluno em seu processo educativo.

3. AVALIAÇÃO COMO CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Para mim, o que tem ocasionado a maioria das discussões em torno da avaliação é a tentativa de definição do significado primordial de sua prática na ação educativa. Vários educadores notáveis e com formação diversa voltam sua atenção para o processo de avaliação educacional.

Observa-se, entretanto, que os estudiosos em avaliação importam-se, sobretudo em estabelecer críticas e paralelismo entre ação avaliativa e diferentes manifestações pedagógicas, deixando, entretanto, de apontar perspectivas palpáveis ao educador que deseja exercer a avaliação em benefício da educação.

Muitas vezes, ocorre a educadores conscientes do problema apontar aos alunos as falhas do processo, criticá-los e a contento e profundidade, exercendo, entretanto, em sua sala de aula, uma prática avaliativa improvisada e arbitrária.

Alguns educadores percebem a ação de educar e a ação de avaliar como dois momentos distintos e não relacionados. E exercem essas ações, de forma diferenciada.

A avaliação é essencial à educação. Inerente é indissociável enquanto concebida como problematização, questionamento, reflexão sobre a ação. Um professor que não avalia constantemente a ação educativa, no sentido indagativo, investigativo, do termo instala sua docência em verdades absolutas, pré-moldadas e terminais.

Muitas lutas vêm sendo assumidas por educadores, e, até mesmo políticos, na denuncia da função seletiva e discriminatória das notas e conceitos e dos sérios prejuízos sociais decorrentes da reprovação de estudantes das classes populares. Decisões políticas encaminham a questão no sentido de eliminar das escolas o fenômeno da reprovação nas séries iniciais. Tais medidas procuram minimizar o prejuízo social decorrente da concepção de avaliação como função burocrática, primitiva e obstaculizante ao projeto de vida de nossas crianças e adolescentes.

É necessário, oportunizar-lhe a tomada de consciência sobre a contradição existente entre a ação de educar e a concepção de avaliação como resultado e como julgamento. É a partir da análise de situações vividas pelos professores no seu cotidiano, através da expressão e manifestação de suas dúvidas e anseios que poderemos avaliá-los e reconduzir suas ações e compreendê-las numa outra perspectiva.

Na reconstrução da prática avaliativa, é de fundamental importância a postura de “questionamento” do educador. A avaliação é a reflexão transformada em ação que nos impulsiona a novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade, e acompanhamento do educando, na sua trajetória de construção do conhecimento.

A avaliação como uma função classificatória e burocrática, persegue-se um princípio claro de descontinuidade, de segmentação, de parcelarização do conhecimento. O grau, nota, conceito, são conferidos ao aluno sem interpretação ou questionamento quanto ao seu significado e poder. Registros de resultados bimestrais, trimestrais ou semestrais estabelecem uma rotina de tarefas e provas periódicas desvinculada de sua razão de ser no processo de construção do conhecimento. O professor cumpre penosamente uma exigência burocrática e o aluno, por sua vez, sofre o processo avaliativo. Ambos perdem nesse momento e descaracterizam a avaliação de seu significado básico de investigação e dinamização do processo de conhecimento.

A avaliação na perspectiva de construção do conhecimento, parte de duas premissas básicas: confiança na possibilidade de os educandos construir suas próprias verdades e valorização de suas manifestações e interesses.

Uma nova perspectiva de avaliação exige do educador uma concepção de criança, de jovem e adulto, como sujeitos do seu próprio desenvolvimento, inseridos no contexto de sua realidade social e política. Nessa dimensão, avaliar é dinamizar oportunidades de ação – reflexão, num acompanhamento permanente do professor, que incitará o aluno a novas questões a partir de respostas formuladas.

Uma prática avaliativa coerente com essa perspectiva exige do professor o aprofundamento em teorias de conhecimento. Exige uma visão, ampla e detalhada de sua disciplina. Fundamentos teóricos que lhe permitam estabelecer conexões entre as hipóteses formuladas pelo aluno e a base científica do conhecimento.

A avaliação deixa de ser um momento terminal do processo educativo para se transformar na busca incessante de compreensão das dificuldades do educando e na dinamização de novas oportunidades de conhecimento. Compreender as dificuldades encerra, além disso, um princípio de descentração (PIAGET, 1977) por parte do educador. Pensar como o aluno pensa e porque ele pensa dessa forma não é tarefa costumeira dos professores.

A ação avaliativa abrange justamente a compreensão do processo de cognição. Porque o que interessa fundamentalmente ao educador é dinamizar oportunidades de o aluno refletir sobre o mundo de verdades, numa espiral necessária de formulação e reformulação de hipóteses. Não há começo nem limites nem fim absolutos no processo de construção do conhecimento, segundo Chiarottino (1988) referindo-se à teoria de Piaget.

3.1. Melhora do Processo Ensino-Aprendizagem

A avaliação não começa nem termina na sala de aula. A avaliação do processo pedagógico envolve o Planejamento e o Desenvolvimento do processo de ensino. Neste contexto é necessário que a avaliação cubra desde o Projeto Curricular e a Programação, do ensino em sala de aula e de seus resultados (a aprendizagem produzida nos alunos).

Tradicionalmente, o que observamos é o processo de avaliação reduzir-se ao terceiro elemento: a aprendizagem produzida nos alunos. No contexto de um processo de avaliação formativa isto não tem nenhum sentido. A informação sobre os resultados obtidos com os alunos deve necessariamente levar a um replanejamento dos objetivos e conteúdos, das atividades didáticas, dos materiais utilizados e das variáveis envolvidas em sala de aula: relacionamento professor-aluno, relacionamento entre alunos e entre esses e o professor.

Segundo Hoffmann (2000), avaliar nesse novo paradigma é dinamizar oportunidades de ação-reflexão, num acompanhamento permanente do professor e este deve propiciar ao aluno em seu processo de aprendizagem, reflexões acerca do mundo, formando seres críticos libertários e participativos na construção de verdades formuladas e reformuladas. *"Se avaliar é sinônimo de melhorar, esta melhoria se refere ao aluno, ao currículo, ao professor e, em definitivo... à ESCOLA".*

3.2. Perspectiva Filosófico-Política da Avaliação da Aprendizagem

Falar sobre avaliação é uma tarefa difícil. Difícil por ser um assunto que gera controvérsias entre alunos, professores, diretores, especialistas e outros elementos, ligados direta ou indiretamente ao processo ensino-aprendizagem; as posições geralmente são radicais: alguns defendem a avaliação como se ela significasse a resolução de todos os problemas educacionais; outros a atacam bradando *"Morra a avaliação!"*, desconsiderando seu importante papel de informação e orientação para a melhoria do ensino. Difícil, também, em virtude da extensa gama de variáveis que a avaliação abarca, desde as que se referem a macro aspectos

socioeconômicos e, sobretudo, políticos, até as que se relacionam a aspectos metodológicos mais específicos, ligados à definição de critérios, elaboração de instrumentos, formas de análise e interpretação de resultados. Assim, paralelamente à perspectiva técnico-científica, um educador deve-se conscientizar das implicações filosófico-políticas que permeiam o processo avaliativo e que serão discutidas, a seguir, a partir de algumas questões.

Para compreender melhor esta perspectiva, é necessário situar a avaliação da aprendizagem em relação a outros níveis de planejamento e avaliação: o **educacional**, que se volta para a análise dos objetivos da instituição, tendo em vista não só as ações internas, mas, principalmente, as externas, de impacto na comunidade; o **curricular**, que consiste na análise da efetividade das experiências previstas pela escola, tais como adequação dos planos e programas de ensino, do material instrucional, do desempenho dos docentes, dentre outros; o da **aprendizagem**, que analisa os resultados do desempenho do aluno em termos de conhecimento, habilidades e atitudes desenvolvidos no processo ensino-aprendizagem. Nestes vários níveis, a avaliação acompanha o planejamento educacional, curricular e de ensino, e aponta para a multiplicidade de variáveis a serem consideradas. Na perspectiva filosófico-política da avaliação, deve-se zelar pela conscientização e participação dos professores e, em alguns casos, do próprio aluno, quando se tratar da tomada de decisões importantes relativas ao processo ensino-aprendizagem.

Assim, o professor deve ser capacitado não só nos aspectos específicos metodológicos da avaliação da aprendizagem, como também nos macro aspectos que se relacionam com esse nível de avaliação. É fundamental, por exemplo, que o professor saiba analisar as diversas relações que se estabelecem nos diferentes níveis apresentados, verificando se entre elas há coerência ou não de conceito de Educação e pressupostos de aprendizagem; pressupostos de aprendizagem e propósitos curriculares; propósitos curriculares e papel do professor e do aluno; valorização do professor e formas de capacitá-lo; Diretrizes de planejamento de ensino e avaliação da aprendizagem.

Dessa maneira, se a concepção de Educação for ampla, conforme afirma Grzybowski, haverá uma busca constante de coerência entre as diversas ações das instituições de ensino para a formação de um ser social consciente e participativo:

"considerada como uma prática social, uma atividade humana concreta e histórica, que se determina no bojo das relações sociais entre as classes e se constitui, ela mesma, em uma das formas concretas de tais relações" (GRZYBOWSKI, 1983),

Considerando esta concepção ampla de Educação e pressupondo-a fio condutor de suas ações, as instituições de ensino tanto buscarão uma aprendizagem que seja dinâmica, que envolva um processo de cognição, que implique mudanças qualitativas nas capacidades humanas, como procurarão educar de modo mais amplo, desenvolvendo níveis de raciocínio mais complexos.

Quanto à coerência entre concepção de aprendizagem e propósitos curriculares, a relação é bastante clara. Assim, se a concepção de aprendizagem for ampla, o currículo apresentará propósitos relacionados a atitudes e a conhecimentos necessários e também proporá atividades que situem o aluno como ser social que é. Se o currículo for definido em suas várias facetas, outra relação que se buscará é a da coerência entre ele e o papel do professor e a concepção de aluno no processo ensino-aprendizagem.

O professor deverá ser reconhecido como elemento fundamental, o que na prática se traduz em fornecer-lhe condições dignas de trabalho, proporcionar-lhe oportunidades de capacitação para que possa desenvolver melhor o ensino, valorizá-lo como elemento que deve ser ouvido e respeitado. O aluno, por sua vez, será visto como sujeito e não como objeto do processo de ensino. Igualmente, numa visão educacional ampla, certamente o planejamento de ensino e a avaliação da aprendizagem defenderão os pressupostos de: definição de diretrizes que possam orientar o trabalho do professor e do aluno; possibilidade de reflexão conjunta dos propósitos curriculares e estímulo e enriquecimento do processo ensino-aprendizagem.

Certamente, neste contexto, o planejamento do ensino e a avaliação da aprendizagem serão vistos como auxiliares do professor e não como atividades burocráticas formais.

3.3. Planejamento do Ensino e Avaliação do Ensino da Aprendizagem

A avaliação e o planejamento são atividades inseparáveis; formam um processo único, no qual devem ser definidos os objetivos, os conteúdos, as estratégias de ensino, os critérios e as formas de avaliar. O que acontece, porém, é que, em vez de serem valorizados em seus aspectos educacionais, o planejamento do ensino e a avaliação da aprendizagem são transformados em atividades burocráticas, formais.

O planejamento é o momento de refletir sobre os objetivos a serem atingidos, sobre como alcançá-los e sobre como avaliar o que se planejou. É freqüentemente confundido com o plano de ensino, registro formal do planejamento. A cobrança ao professor é feita quanto ao papel escrito e não quanto ao processo de reflexão. Como consequência, no lugar de guia, de orientador da ação docente, o plano, feito quase sempre sem ter havido planejamento, passa a ser instrumento de gaveta, sem nenhuma função pedagógica. A avaliação, por sua vez, é vista como o registro de uma nota, tomando-se uma atividade burocrática para o professor.

3.4. O Desafio da Avaliação no Cotidiano do Educador

Avaliar é um processo difícil de executar na prática educativa. O professor, muitas vezes, não tem condições de mensurar e nem de qualificar o conhecimento de seus alunos. Procura, através dos instrumentos avaliativos, formas diferenciadas para averiguar se de fato o aluno aprendeu ou não o novo conhecimento. Mas, há momentos que essas averiguações dão certo e há

momentos que ficam a desejar, do ponto de vista dos objetivos esperados pelo professor na sala de aula.

De acordo com Haydt (2002, p. 10-11):

“Durante um certo tempo, o termo avaliar foi usado como sinônimo de medir... Mas essa abordagem, que identificava avaliação com medida, logo deixou transparecer sua limitação: é que nem todos os aspectos da avaliação podem ser medidos. (...) Testar significa submeter a um teste ou experiências, isto é, consiste em verificar o desempenho de alguém ou alguma coisa... (...) Medir significa determinar quantidade, a extensão ou o grau de alguma coisa, tendo como base um sistema de unidades convencionais. (...) Avaliar é julgar ou fazer apreciação de alguém ou alguma coisa tendo como base uma escala de valores” (Haydt, 2002, p. 10-11).

Entender a distinção entre testar, medir e avaliar é de fundamental importância para o professor. Verificar o desempenho dos alunos, descrever os fenômenos das descobertas e interpretar os resultados, ora de forma qualitativa, ora quantitativamente é necessário para que o processo ensino-aprendizagem ocorra de forma significativa na vida acadêmica do aluno. Mas, nos preocupamos com a formação do professor que ainda se detém em valores quantitativos e se esquece, que está averiguando aprendizagens significativas de seres humanos complexos e multiculturais.

Aprender que o universo do conhecimento é amplo e complexo. Compreender que somos seres humanos inacabados e estamos buscando a melhoria da qualidade de ensino, constantemente. O tentar modificar o processo avaliativo nas instituições não é tão simples quanto parece. Requer dos profissionais da educação uma conduta, uma ética profissional, um diagnóstico da realidade na qual está inserido, e mais que isso, compreender o seu aluno em suas dificuldades e possibilidades.

A avaliação é um processo contínuo e permanente na vida de todos os atores envolvidos na arte de educar. Somos avaliados no decorrer de todo o processo. Precisamos de apoio, ajuda, orientação, e até mesmo de um pouco de solidariedade ao avaliarmos e sermos avaliados. O olhar de si e do outro tem que ser

interpretado, conforme os objetivos que se pretende alcançar, no decorrer da construção dos conhecimentos.

É interessante analisar outros autores como Bloom, Hastings e Madaus (1983) que conceituam o processo avaliativo como sendo “a avaliação (...) um método, um instrumento; portanto (...) não tem um fim em si mesma, mas é sempre um meio, um recurso e como tal deve ser usada” (Bloom, Hastings e Madaus , 1983).

Fica parecendo que a avaliação, enquanto instrumento de averiguação de aprendizagens, só se torna fidedigna à medida que o aluno consegue expor seus pensamentos fundamentados numa escrita convencional, facilitando ao professor quantificar os resultados. Mas, na realidade as coisas não funcionam de forma tão precisa, quanto aparentam.

Durante muitos anos, o tema avaliação de aprendizagem foi trabalhado em diferentes perspectivas. São poucos profissionais da educação que procuram, pesquisam e tentam modificar suas práticas avaliativas, objetivando a aprendizagem do aluno, procurando mediar seus conhecimentos em prol de sua formação.

3.5. Instrumentos de Avaliação

O professor deve utilizar instrumentos avaliativos vinculados à necessidade de dinamizar, problematizar e refletir a ação educativa/avaliativa da instituição escolar. Pode utilizar os seguintes métodos:

Auto-avaliação: este instrumento de avaliação deve ser usado pelo educador que se preocupa em formar indivíduos críticos e capazes de analisar suas próprias aptidões, atitudes, comportamentos, pontos favoráveis e desfavoráveis e êxitos na dimensão dos propósitos. Ao ser utilizado, os educadores têm mais responsabilidade por suas próprias construções individuais.

Observação: onde o educador deve observar os seus educandos constantemente para constatar quais são os que apresentam dificuldades na aprendizagem e quais ainda não conseguiram produzir conhecimento sobre

determinados conteúdos. O educador pode utilizar fichas de observação para melhor eficácia dos resultados.

Para se chegar a uma análise de avaliação é de fundamental importância saber de que maneira se chegou a elas, que desafios propôs aos seus educandos encontrarem as soluções fáceis para os problemas propostos.

O processo de avaliação requer observações, registros e análises sistemáticos do processo de elaboração do conhecimento pelo educando.

Pode-se dizer que não são apenas instrumentos usados que caracterizam uma avaliação conservadora, mas principalmente as formas como estes instrumentos são usados e analisados. Pois a avaliação é vista como um processo abrangente da existência humana que implica numa reflexão crítica no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão para superar os obstáculos, tendo em vista a função de processo transformador da educação na sociedade.

O processo avaliativo não deve assumir características primitivas e controladoras adotadas por determinados profissionais. Tais profissionais, muitas vezes inseguros do domínio dos conteúdos e mantendo vivências e interações conflitantes com o alunado, usam a avaliação como auto-afirmação e como forma de controle da dinâmica escolar.

Nesse sentido, Kramer enfatiza:

“É necessário que a clássica forma de avaliar, buscando os “erros” e os “culpados”, seja substituída por uma dinâmica de avaliação capaz de trazer elementos de crítica e transformação ativa para o nosso trabalho. Nesse sentido, todos são objeto e sujeito da avaliação: professores, equipe de orientação, supervisão e direção, funcionários da secretaria, cozinha e conservação, crianças e pais” (Kramer ,1989, p.59).

Defende-se que a avaliação deve estar integrada ao processo que está ocorrendo no ambiente escolar; conseqüentemente, não deve incorporar aspectos primitivos, mas, como foi afirmado anteriormente, deve assumir uma posição diagnóstica, integrando-se de forma consistente ao processo ensino-aprendizagem. Em vez de fragmentos é preciso incentivar a interação do aluno no processo de

ensino onde cada um tenha algo a ensinar para o outro, sendo a avaliação um elo entre a sociedade, as escolas e os estudantes.

Para finalizar, é importante resgatar o papel e as contribuições que o processo avaliativo poderá dar às aquisições escolares, lembrando que, Davis e Espósito dizem:

“Não se obterá uma escola mais democrática mantendo-se numa postura condescendente em relação à apropriação do saber escolar. Na verdade, a escola que queremos e a aprendizagem que visamos dependem, sobretudo, de um professor competente e parcimonioso que, à luz de uma teoria de ensino-aprendizagem, avalie de forma precisa o processo de construção, reformulando os procedimentos de ensino, de modo a alcançar os objetivos da escolarização; crianças bem informadas que raciocinem com independência e sejam capazes de tomar posições” (Davis e Espósito 1990, p. 75).

A avaliação enquanto processo de diagnose e formação torna-se um desafio para os professores que tentam inovar seus instrumentos e estratégias avaliativas. Quando abordamos a avaliação diagnóstica, estamos nos referindo àquela realizada no início do ano letivo, que tem a intenção de verificar o domínio dos conteúdos dos alunos e o domínio ou não dos pré-requisitos, que são necessários para dar continuidade ao processo ensino-aprendizagem. No entanto, são poucos os professores que se preocupam com essa avaliação.

A seguir abordaremos o terceiro capítulo, onde serão enfocados os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento do trabalho e alguns depoimentos dos educadores entrevistados.

4. A AVALIAÇÃO COMO PROCESSO DO ENSINO-APRENDIZAGEM E A CONCEPÇÃO DOS EDUCADORES

4.1. Metodologia

A avaliação ressurge nessa década como um dos temas mais debatido entre os educadores. Percebe-se a inconformidade de muitos em repetir a prática tradicional, classificatória e autoritária, pelo visível prejuízo à formação moral e intelectual dos educandos. Ao mesmo tempo, ultrapassá-la envolve enfrentar uma séria resistência, pois é grande a polemica sobre práticas inovadoras. As maiores críticas giram em torno da qualidade da avaliação do ensino aprendizagem.

O tema escolhido para este trabalho surgiu das inquietações e de muitos conflitos existentes a cerca da prática de muitos educadores, que sem dúvida nenhuma acentua o aspecto da quantificação, dando ênfase apenas ao aspecto burocrático deste processo.

Frente a tantos conflitos existentes em relação a avaliação do processo de ensino-aprendizagem urge um estudo aprofundado a fim de situá-lo histórica e pedagogicamente na tentativa de evidenciar a sua influencia e equivalência, tanto para o cotidiano de nossa vida como sobre tudo para o fazer pedagógico nas escolas públicas desse município.

Para o desenvolvimento desta monografia foram realizados estudos bibliográficos e pesquisa de campo através de entrevistas, enfatizando a concepção dos educadores das séries iniciais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino em Cotriguaçu-MT, sobre a avaliação do processo ensino-aprendizagem.

Na busca de identificar a concepção dos educadores sobre a Avaliação como Processo do Ensino-Aprendizagem foi realizada uma pesquisa de campo através das seguintes questões:

- 1 – Qual sua concepção sobre o processo de Avaliação de Ensino-Aprendizagem?
- 2 – Quando e como acontece a Avaliação do Ensino-Aprendizagem em seu trabalho?
- 3 – Qual a importância que a Avaliação do Ensino-Aprendizagem tem no dia-a-dia em sala de aula?
- 4 – Como educador(a) quais os avanços e desafios que você percebe em relação à Avaliação do Ensino-Aprendizagem?
- 5 – Avaliar para você é uma tarefa fácil ou difícil? Comente sua resposta.

Após a coleta de dados realizei a tabulação e análise dos depoimentos dos educadores entrevistados.

Para GIMENO (1995), quando avalia, o professor o faz a partir de suas concepções, seus valores, expectativas e também a partir das determinações do contexto (institucional), sendo que muitas vezes nem ele próprio tem muita clareza ou mesmo sabe explicitar estes dados considerados na avaliação dos alunos.

Para o educador “K” entrevistado, em sua concepção considerando que:

“Avaliar é uma questão intrínseca ao processo ensino/aprendizagem e de extrema importância. A instituição de mecanismos de avaliação passa, necessariamente, pela escolha de métodos avaliativos que permitam verificar o aproveitamento e os esforços despendidos pelos estudantes para dominar os conteúdos trabalhados em sala de aula e aferir a eficácia do método de ensino utilizado, no sentido de atingir os objetivos definidos nos programas das diferentes disciplinas”.

Segundo a concepção do professor “Y” entrevistado: “A avaliação deve ser constituída de métodos e diagnóstico que leva a uma intervenção que vise uma melhora na aprendizagem. A intervenção deve ser inclusiva e não exclusiva”.

É necessário ver a avaliação como parte integrante do processo ensino-aprendizagem. Além disso, a avaliação não pode reduzir-se apenas à análise das pessoas, e, neste âmbito, essencialmente dos alunos:

“Quando se fala na avaliação escolar, imediatamente ocorre falar da avaliação do rendimento dos alunos como se esta fosse algo que recai exclusivamente sobre eles, ignorando-se os restantes intervenientes no processo de desenvolvimento de um curriculum”. (Pacheco, 1995, p. 13).

Desta forma, a avaliação deve ser holística (analisando os diversos 'intervenientes' no processo de ensino-aprendizagem), deve ter em conta as diferentes perspectivas e interpretações dos diversos atores, devendo, também, contribuir para a análise da própria avaliação. Esta última vertente tem sido, sobretudo acentuada pela corrente crítica na educação de adultos, observando a necessidade do indivíduo (neste caso, o professor) ser capaz de refazer o sentido dos esquemas assumidos, ou seja, ser capaz de aceder a perspectivas alternativas. Assim, é fundamental que a avaliação assuma uma vertente crítica e reflexiva da própria ação, a fim de analisar e melhorar essa mesma ação: trata-se de um processo de reflexão-ação-reflexão. Para tal é necessário que o professor tenha em conta as perspectivas alternativas e diferentes interpretações dos outros atores do processo de ensino-aprendizagem, ou seja, os alunos.

Para os educadores a avaliação do ensino-aprendizagem acontece diariamente, conforme seu plano de aula e objetivos, no dia-a-dia, percebendo o que o aluno construiu e onde o percurso deverá ser refeito, ou seja, trabalhado com outra metodologia para que o aluno possa compreender de fato. É através desse processo que o educador avalia seu trabalho, se está sendo produtivo, se os caminhos trilhados chegarão realmente no campo objetivado, havendo a possibilidade de

constatar os conteúdos que precisam ser revistos e se novos caminhos precisam ser trilhados.

Como afirma o professor “X”:

“o processo da avaliação do ensino-aprendizagem deve possibilitar que os alunos aprendam a monitorar o seu desempenho, através da auto-avaliação, condições de desenvolvimento de habilidades que o levem a avaliar a qualidade do seu desempenho continuamente. Isso requer que o aluno tenha adquirido um conjunto de competências que lhe possibilitem o seu crescimento constante. É dessa forma que entendemos que, além de valorizar conhecimentos assimilados também se deve buscar valorizar habilidades, atitudes, conteúdos experiências dos alunos, estimulando, assim, a autocrítica”.

O processo de avaliação do ensino aprendizagem no dia-a-dia em sala de aula é fundamental, onde o processo de ensino-aprendizagem deve ser objeto constante de avaliação para que se consiga aprimorá-lo sempre. Considerando que o método de ensino é uma maneira pela qual se estabelecem as condições para o entrosamento entre os atores desse processo de ensino-aprendizagem, observa-se que um de seus objetivos é o de servir de suporte ao professor, de modo que se crie uma condição favorável ao engrandecimento da aula, para melhor assimilação do assunto em discussão. Este suporte daria melhores condições de se estabelecerem os pilares do processo de avaliação.

Conforme afirma o professor “Q” :

“A avaliação é fundamental no processo ensino-aprendizagem, pois fornece dados desse processo e permite rever objetivos, metodologia e conteúdos, tendo oportunidade de intervir e melhorar a aprendizagem do aluno”.

Tenho certeza de que construir um processo de avaliação que compreenda esta complexidade não é tarefa fácil, mas a função é justamente vencer os desafios que ela se impõe, nas mais diferentes esferas do conhecimento. Trata-se, portanto, de ousar vencer o desafio de construir um processo de avaliação capaz de considerar a complexidade do processo formativo na educação, não deixando de

considerar os mesmos princípios, buscando considerar a plenitude das relações internas e externas, através de uma sistemática que permita comparar e relacionar dimensões objetivas e subjetivas e a continuidade do processo.

O estudo realizado enfatiza a importância das estratégias de ensino e avaliação no processo de aprendizagem. Tanto os educadores como os educandos devem estar envolvidos no processo para que a aprendizagem ocorra num clima harmonioso, permeável a trocas e que propicie desenvolvimento da capacidade de análise e crítica acerca do contexto sócio-político no qual está situada.

Acredita-se que o educador deve buscar diferentes estratégias de ensino e avaliação, visando extrapolar o simples repassar de conhecimentos, despertando uma consciência crítica no aluno, que possivelmente ajudará a alicerçar atitudes criativas, críticas e transformadoras, para que possam ser criativos, críticos e transformadores.

5. ANÁLISE SOBRE O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO ENSINO APRENDIZAGEM

A avaliação é um instrumento que utilizamos para verificar se nossos alunos adquiriram os conhecimentos básicos de cada série, e se eles se tornaram capazes de utilizar estes conhecimentos em situações do seu cotidiano.

Ela deve ser parte integrante do processo ensino-aprendizagem e deverá ter função diagnóstica, entendida como um processo contínuo de informações, análise, reflexão e tomada de decisão sobre o desenvolvimento e desempenho dos nossos alunos na apropriação do conhecimento.

Nesse processo, o aluno não é o único a ser avaliado. Também serão o educador, o conteúdo desenvolvido e a metodologia. Com isto, além de detectar as dificuldades e avanços dos alunos, a avaliação assume o caráter de redimensionamento da prática pedagógica.

Os resultados alcançados em provas e testes não se constituem nos únicos elementos contemplados na avaliação. Antes, tais elementos devem fazer parte do processo de ensino-aprendizagem. Neste processo, devemos levar em conta nossa prática diária, a metodologia empregada, os recursos humanos e materiais utilizados, os conteúdos e sua adequação aos alunos.

Os “erros” constatados no trabalho de nossos alunos devem ser interpretados e os conteúdos retomados, muitas vezes, de outra forma. É preciso verificar a natureza desses erros: conceitual, de atenção, de raciocínio, de linguagem, etc. Devemos, sobretudo, trabalhar os caminhos trilhados pelos alunos e

explorar os raciocínios envolvidos, levando-os a escolher procedimentos mais adequados que diminuam os erros. Os erros podem ser resultado de uma visão parcial dos conteúdos.

A avaliação deve ocorrer ao longo do processo de ensino-aprendizagem, proporcionando aos alunos múltiplas possibilidades de se expressar, rever e aprofundar a sua visão dos conteúdos trabalhados.

O critério básico para avaliação é o conhecimento que o aluno deve adquirir. Este conhecimento está sistematizado na forma de conteúdos básicos para cada série. Portanto é fundamental que o educador os conheça e estabeleça quais são os critérios de avaliação que irá adotar.

O conhecimento adquirido em situações informais se diferencia basicamente daquele ministrado na escola, uma vez que, nesta, conteúdos e estratégias de ensino são planejadas, tendo por objetivo uma maior produtividade nas aquisições.

Segundo alguns estudiosos no assunto:

“No ambiente escolar a criança sofre uma transformação radical na sua forma de pensar. Antes de se entrar nela, os conhecimentos são assimilados de modo espontâneo, a partir da experiência direta da criança. Em sala de aula, ao contrário, existe uma intenção prévia de organizar situações que propiciam o aprimoramento dos processos de pensamentos e da própria capacidade de aprender” (DAVIS; OLIVEIRA, 1990 P.23).

Logo as atividades de ensino envolvem diferentes momentos, constituindo a avaliação uma das partes indissociáveis do processo ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva, a avaliação deve ser compatível com a metodologia de ensino adotado, como também deve ser coerente com a dimensão conceitual dos conteúdos que estão sendo discutidos em determinados momentos da dinâmica escolar.

Entendemos a avaliação como a apreciação sistemática da eficácia e dos efeitos reais do processo ensino-aprendizagem, previstas ou não, por ocasião da

construção do conhecimento. Nesse sentido, a ação do educador está direcionada para o processo e não apenas para o produto.

A análise contínua da performance da criança possibilita ao educador a escolha de estratégias adequadas, condutoras e orientadoras do processo.

O momento da avaliação é oportuno tanto para o educador quanto para os alunos refletirem sobre os seus papéis e retomarem aspectos que precisam ser revistos e/ou ajustados, como também substituir os que precisam ser abandonados.

É importante que a criança tenha conhecimento dos critérios em que será avaliada e dos resultados obtidos, para assim saber organizar seus investimentos na busca da construção do seu conhecimento.

Este tipo de avaliação propicia o desenvolvimento da auto-confiança dos pares envolvidos no processo: aluno e educador.

O educador que faz uso da avaliação sistemática está na vanguarda da educação, isto porque para garantir um produto de alto nível, é necessário orientar eficazmente o processo.

Nos relatos dos educadores, a avaliação se mostra como sendo a possibilidade de adquirir conhecimentos, o aluno iniciar o seu aperfeiçoamento, perceber e mostrar seu aprendizado, provar para si mesmo o quanto de saber foi adquirido, trocar informações com o professor.

Na concepção dos educadores, a relação da avaliação com o ensino-aprendizagem está bastante visível, o que nos leva a afirmar que estes educadores têm uma experiência positiva em relação à educação escolar que faz com que a avaliação se apresente como aprendizado constante. Esta categoria se configura pelo discurso de alguns dos participantes do estudo e se caracteriza pelo fato de a avaliação despertar sentimentos que dificultam ou impedem que eles se expressem, consigam mostrar seu conhecimento e o quanto foram capazes de assimilar, traduzindo-se na "leitura do professor" como se o aluno não fora detentor de tais conhecimentos.

Um dos equívocos cometidos por alguns professores, na avaliação, é o fato de considerar que as provas são prejudiciais ao desenvolvimento da autonomia das potencialidades e da criatividade dos educandos, pois acreditam que, sendo a

aprendizagem resultante da motivação interna do aluno, toda situação de prova leva à ansiedade, à inibição e ao cerceamento do crescimento pessoal. Por isso, recusam qualquer quantificação dos resultados.

Não sou contrária à avaliação que visa direcionar o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, o desenvolvimento do discente, sou contrária sim à avaliação que tem o objetivo único de classificar (ou desclassificar) o educando, pois, como Luckesi, acredito que a avaliação da aprendizagem deva ser um suporte que possibilita qualificar o que está acontecendo com o aluno, agir no sentido de ajudá-lo a alcançar o que se pretende, sendo, portanto, uma *"fonte de decisão sobre os caminhos do crescimento sadio e feliz"*.

A escola deve criar um ambiente estimulante, que valorize a invenção e a descoberta, na qual os alunos possam construir sua aprendizagem, aprendendo a aprender, pesquisando e reconstruindo, sem medo da avaliação realizada pelos mestres e colegas.

Para que se concretize essa afirmação, se faz necessário um comprometimento do educador. Sendo assim, o educador deve ser capaz de conduzir cada um de seus educandos à construção do aprendizado, valorizando todo o conhecimento (inclusive o conhecimento prévio), dando ênfase à qualidade dessa formação e não simplesmente quantificando os acertos e erros.

Considero relevante reafirmar que compete ao educador transformar a visão negativa que ainda paira sobre a avaliação. Essa transformação deve primeiro acontecer com o professor, de forma que ele esteja "aberto" às manifestações de aprendizado do educando.

O motivo central do interesse do professor é apreender o significado de suas decisões no cotidiano do processo de aprendizagem de cada aluno. Esse processo, em permanente construção, é uma oportunidade histórica que possibilita, a cada passo, oferecer condições para o desenvolvimento máximo das capacidades individuais e coletivas dos alunos e de si mesmo.

A avaliação do processo ensino-aprendizagem só se concretiza com a participação do educador e educando. Na concepção dos educadores entrevistados, a avaliação se apresenta como a capacidade do professor de: apreender o saber do

educando por meio do que ele é capaz de expressar, detectar as dificuldades e auxiliá-lo na transposição das barreiras, por meio de reorientação, permitir ao educador certificar-se de que o educando está capacitado para o exercício profissional.

Ao observar as atividades dos educandos, o educador busca compreender qual o potencial de cada um e como pode atuar para favorecer o processo, procurando sinais do que o educando sabe e do que pode vir a saber.

É função do educador reconhecer as diferenças existentes entre os educandos, em relação à capacidade de aprendizado, e esse reconhecimento permite ao educador ajudá-los a superar as dificuldades de aprendizagem, pois é sabido que, para alguns, o aprendizado acontece mais rapidamente do que para outros e, ainda, que alguns têm maior capacidade de aplicar o que lhes é ensinado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação nem sempre é compreendida por todos educadores como um processo dinâmico e construtivo. Nem sempre há uma consciência de que estamos trabalhando com seres humanos que possuem sentimentos, que pensam, que sabem de seus direitos e deveres, pois, são cidadãos universais.

Mudar é preciso e necessário para saber conviver em pleno século XXI. Mudar nossos paradigmas com relação ao que fomos e ao que somos; ao que aprendemos no passado e ao que estamos aprendendo no agora.

O processo ensino-aprendizagem ocorre na sala de aula. Reavaliar nossos conceitos, concepções e valores traz para o nosso mundo real uma visão multidimensional do nosso ser. É preciso ter sabedoria, coragem, determinação, prudência, serenidade para atuar na escola de hoje que é dinâmica, transformadora.

A avaliação acontece ancorada num tripé formado pelo avaliador-avaliado-objeto a ser avaliado, tendo como base o processo ensino-aprendizagem. Cada um dos elementos do tripé tem uma função determinada, sendo que a ausência de um desses elementos descaracteriza a avaliação.

O avaliador está representado pelo professor que sintetiza e analisa os dados emergentes, pontua as dificuldades e busca novas estratégias que possibilitam a recondução de todo o processo, caso necessário.

O avaliado, representado pelo aluno, deve desempenhar o seu papel de elemento ativo e expressar todo o seu potencial, reconhecer as dificuldades, buscando cada vez mais novos conhecimentos. Esses conhecimentos devem possibilitar ao educando condições de desenvolvimento das habilidades necessárias ao exercício das atividades inerentes à assistência na futura vida profissional.

O objeto a ser avaliado é representado pela expressão global do aluno, expressão esta que deixa transparecer vários momentos vivenciados pelo educando, durante sua formação. A forma com que o discente expressa o seu saber transparece o potencial de aprendizado, que deve ser direcionado rumo à aquisição de outros conhecimentos.

A base representada pelo processo ensino-aprendizagem, como um todo, traz à luz o desempenho do avaliador e avaliado, permite a ambos a possibilidade de diálogo com vistas a esclarecer dúvidas, avaliar e redirecionar o processo ensino-aprendizagem

Ao avaliar, o professor não deve, pura e simplesmente, classificar o aluno dentro de padrões predeterminados e dar o veredito final, sem antes refletir e ter a certeza de que todas as possibilidades foram esgotadas no sentido de conduzir o educando ao aprendizado.

Os significados expressos pelos sujeitos apontam justamente esse tripé, mostrando assim que eles têm consciência da importância da avaliação como um instrumento que, quando utilizado visando o crescimento e o desenvolvimento, possibilita a percepção do saber do educando, suas necessidades de reorientação e como está sendo desenvolvido o processo educacional.

As mudanças não ocorrem por um acaso. Elas obedecem à evolução da humanidade e ao desejo de transformação, levando o homem a atuar no universo de forma progressista. O conhecimento tem chegado de forma assustadora no universo escolar. Com o processo de globalização as informações estão conectadas em rede, e nós não conseguimos acompanhar esse universo informativo que está chegando a todo o momento.

É muito complexo entender e compreender essas questões que não deixam de ser avaliativas em nossa vida. Quantas vezes, na sala de aula, o

educando traz informações das quais, nós não estamos preparados para responder. O aprender a ouvir o educando e estar participando com ele do processo ensino-aprendizagem é outro desafio que teremos que enfrentar no cotidiano escolar.

O professor tem que procurar levar seus educandos a pesquisarem, a se comprometerem, a se auto-avaliarem e serem avaliados pelo grupo, pois a avaliação é um processo natural no desenvolvimento humano. Buscar melhorar seus hábitos e atitudes são essenciais, para que as mudanças ocorram. Somos seres mutáveis e necessitamos de nos inter relacionarmos para transformamos nossas vidas.

O processo avaliativo não tem que reprovar, mas dar continuidade aos estudos assimilados pelos alunos no decorrer de formação. Para ela, a avaliação é uma prática de investigação. E cabe, a nós educadores, levar os nossos educandos a buscar essa investigação, levando em consideração o erro/acerto, o fazer/refazer para aprendermos a construir nossos conhecimentos fundamentados em dados concretos.

Portanto, cabe aos educadores pesquisadores, buscarem, em sua prática educacional, instrumentos avaliativos inovadores; alternativas metodológicas de desenvolver habilidades e competências de estar proporcionando aos seus educandos novos desafios, para incentivá-los a buscarem novas descobertas na arte de avaliar.

O desafio de descobrir novos caminhos para se avaliar com prazer, pesquisa e descoberta de novos conhecimentos está em nossas mãos, professores/educadores. Somente eles poderão orientar os educandos na construção de novas aprendizagens, proporcionando um ensino de qualidade, visando sua formação.

Espero, com este estudo, ter aberto um canal que possibilite aos docentes engajados e preocupados com a formação de seus educandos amenizar um pouco suas angústias com relação ao processo de avaliação do ensino-aprendizagem. Considero relevante que os docentes invistam em novas pesquisas e compartilhem com seus pares, as experiências acumuladas ao longo de sua trajetória como educadores.

Atuar como docente, independente do grau (educação infantil, ensino fundamental, médio, técnico ou superior), exige: compromisso com o educando, com a instituição e com a sociedade; competência técnica e científica que permita desenvolver as atividades, dentro de um rigor didático-pedagógico e científico; dedicação no desenvolvimento da atividade a que se propõe; e visão de futuro para formar cidadãos profissionais com condições de concorrer no mercado de trabalho. Não é intenção fazer apologia ao trabalho do educador, pois este não é o objetivo deste estudo. Quero sim, reafirmar que a preocupação e a ocupação do docente com a avaliação são fatores fundamentais para o desenvolvimento do educando.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOOM, Benjamin S.; HASTINGS, Thomas; e MADDAUS, George. **Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar**. São Paulo, Pioneira, 1983.

DAVIS, Cláudia, ESPÓSITO, Yara Lucia. **Papel e função do erro na avaliação escolar**. Cadernos de pesquisa. São Paulo, n. 74, p. 75, 1990.

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

DAVIS, Cláudia, ESPÓSITO, Yara Lucia. **Papel e função do erro na avaliação escolar**. Cadernos de pesquisa. São Paulo, n. 74, 1990.

DELORS; Jacques (org). **Educação; um tesouro a descobrir**. 4ª ed. São Paulo; Cortez; Brasília, DF: MEC: Unesco, 2000.

DE LANDSHERE, G. **Avaliação e exames; noções de docimologia**. Coimbra, Almedina, 1976.

DEPRESBITERIS, L. **O desafio da avaliação da aprendizagem; dos fundamentos a uma proposta inovadora**. São Paulo, EPU, 1989.

ESTEBAN, Maria Teresa (org.). **Escola, currículo e Avaliação**. São Paulo. Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 3ªed. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A., 1997. – (Série cultura, memória e currículo, v. 5)

_____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GIMENO SACRISTÀN, J. **Currículo: uma reflexão sobre a prática**. 5ª ed. Madri : Morata, 1995.

GOLDBERG, M.A. **Avaliação educacional; medo e poder**. **Educação e Avaliação**. São Paulo, Cortez 1(1):96-117, 1980.

GRONLUND, N.E. **O sistema de notas do ensino**. São Paulo, Pioneira, 1979.

HADJI, C. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem**. 6ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

_____. Entrevista com Paulo Freire, *Prospectiva*. Rio Grande do Sul, nº 22, set. 1994.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 14ª ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. **Avaliação mito & desafio: uma perspectiva construtivista**. 29ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

_____. **Pontos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2000, 5ª ed. Revista.

LIBÂNEO, J.C. *Didática*. 15.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Avaliação educacional escolar; para além do autoritarismo**. *Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, ABT, 13(61):6-15, nov./dez., 1984.

_____. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 1995.

LÜDKE, M.; André, M.E.D. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 6.ed. São Paulo: EPU, 1986

MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. Trad. De Catarina

OLIVEIRA, S. Roseli. MACEDO, Hercules. **O professor e a avaliação; Avaliação Escolar**. Disponível em: www.projetoeducar.com.br/avalia em fevereiro 1998.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

_____. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas**. Porto Alegre: ArtMed, 1999

POPHAM, W.J. **Avaliação educacional**. Porto Alegre, Globo, 1983.

SAVIANI. D. **Saber escolar, currículo e didática**. 3.ed.Campinas: Autores Associados, 2000.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação**. Rio de Janeiro: José Olimpio, 1984.

SANTIAGO, Neide Varela. **Construindo o saber: projeto de formação do professor alfabetizador**. Natal: TVV, 1993.

KRAMER, Sônia e outros. **Com a pré-escola nas mãos**. São Paulo: Ática, 1989.